

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1673

O PROFESSOR E A MOTIVAÇÃO

PARA A APRENDIZAGEM

Sheila Daniela Medeiros.

MONOGRAFIA apresentada como exigência
parcial para aprovação na Disciplina
EP - 150 - Sistemática do Trabalho In-
dividual e de Grupo / Curso de Pedago-
gia.

Campinas, junho de 1990.

Agradeço ao Prof. Ezequiel Theodoro da Silva, que me abriu novas perspectivas em termos de uma visão crítica dos problemas da Educação Brasileira.

Em nível diferente, porém não de menor importância, devo agradecer ao meu namorado Wagner, pelo carinho, pelo incentivo, pelos materiais e pelas sugestões que tanto contribuíram para a realização deste trabalho.

" A escola, enfim, é um mundo fechado em si mesmo, imutável, no qual a obediência é valorizada muito mais do que a curiosidade, o espírito crítico e a criatividade. Estes aspectos não são, nem interessam, ser motivados, demonstrando a extensão da tarefa anti-educativa dessa instituição ".

Maria de Lourdes
C.D. Nosella - As
Belas Mentiras .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
<u>1. MOTIVAÇÃO</u>	
1.1. Esclarecimento do Conceito.....	6
1.2. Uma Definição.....	7
<u>2. MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM</u>	
2.1. Como Processo Natural.....	7
2.2. Fatores que influenciam.....	8
<u>3. ATUAÇÃO DO PROFESSOR COMO INCENTIVADOR</u>	
3.1. Formas de buscar e manter a motivação.....	11
<u>4. AS PEDAGOGIAS E A MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM</u>	
4.1. Conteúdos e Estratégias de Ensino.....	13
NOTAS.....	16
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	17
BIBLIOGRAFIA GERAL.....	18
ANEXOS.....	20

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que para que alguém aprenda é necessário que ele queira aprender, muitas dúvidas surgiram em minha cabeça, principalmente porque em minha época de escola (e tenho certeza de que para muitas crianças ainda é assim) fui praticamente obrigada a aprender determinados conteúdos sem que estivesse motivada para tal.

A partir daí, fiquei curiosa em saber em que consiste a motivação para a aprendizagem, os fatores que a influenciam, o papel do professor como incentivador e como os conteúdos e estratégias das diversas Pedagogias contribuem para esta questão. No entanto, buscar as fontes e selecioná-las criticamente não foi tarefa fácil. Por isso, em certo momento da elaboração do trabalho, me senti desmotivada para prosseguí-lo, principalmente porque a medida que eu caminhava, me apareciam mais dúvidas . Foi aí que incentivos internos e externos me motivaram o suficiente para perceber que ao pesquisar o processo da motivação para a aprendizagem, eu estava passando por ele.

Desta forma, minha curiosidade e meu espírito de busca// se puseram a frente em minha investigação e pude selecionar, organizar e concluir o trabalho a medida em que vencias as dificuldades.

Agora, aos educadores que estão interessados em um ensino melhor, gostaria de deixar uma frase em que demonstro a importância do despertar e da busca da motivação para a aprendizagem : Os indivíduos motivados tendem a ser criativos, inconformados e agentes de mudanças, pois a medida em que buscam conteúdos, se instrumentalizam para promover sua emancipação.

1. MOTIVAÇÃO

1.1. Esclarecimento do Conceito.

O estudo científico da motivação humana começou em época relativamente recente. O assunto é ainda tão novo que não existe uma estrutura teórica da motivação que seja aceita como única. Pelo contrário, existem diferentes concepções de diferentes teóricos que argumentam convincentemente em favor de suas respectivas posições. Baseados nestas / concepções McClelland, Atkinson, Clark e Lowel (1) admitem / ser possível isolar, pelo menos, quatro tipos de modelos teóricos que explicam a fonte de motivação e a sua consequência no comportamento, estudadas pelos teóricos.

No modelo da Sobrevivência, todos os motivos seriam dependentes ou derivados das necessidades biológicas, sobretudo das relativas à nutrição e à atividade sexual. As teorias filiadas a este modelo, são por exemplo, a de Freud e a de Hull.

O segundo modelo - o da Intensidade de Estímulos - baseia-se na relação existente entre atividade e motivação. Miller e Dollard (2) assim definem o motivo (drive): " é um estímulo muito forte que impele à ação "; e acrescentam: / " Qualquer estímulo pode tornar-se um motivo (drive) se for bastante forte. Quanto mais forte o estímulo, maior função de motivo possuirá ". Este modelo adapta-se a explicação de grande parte da aprendizagem.

De acordo com o terceiro modelo - o do Padrão de Estímulo - a motivação é definida não como um processo distinto, desvinculado da aprendizagem, insight ou atitude, mas como uma primeira aproximação útil, cuja principal relação é com a organização de eventos cerebrais que são ativados por efeitos hormonais ou impulsos aferentes, quer de natureza extraceptora ou intraceptora.

No modelo do Despertar Afetivo, um motivo é definido como uma antecipação de mudança afetiva. Assim, certas /

condições inatas podem produzir efeitos positivos ou negativos, definidos em termos de comportamento afetivo como aproximação ou rejeição. De acordo com este modelo, os motivos são sempre aprendidos, uma vez que qualquer antecipação de uma mudança afetiva - que aumente o prazer ou a dor - é motivadora. Considerando, por outro lado, as teorias da motivação quanto às características e a atuação dos motivos em si mesmos, citarei o caráter tensional como forma de classificação nestes critérios. Assim, os motivos seriam tensões, criadas geralmente pela necessidade que dá energia ao organismo para satisfazê-la.

1.2. Uma Definição.

Apesar dos vários modelos teóricos, muitas vezes aceites ou criticados, serem completamente distintos, há um acordo geral entre eles em que um motivo é um fator interno / que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa. Não é diretamente observado, mas inferido no comportamento. Um motivo divide-se em dois componentes: o impulso, que refere-se ao processo interno que incita uma pessoa à ação e o objetivo ou recompensa que refere-se ao processo final do motivo, saciando ou reduzindo o incitamento interno.

Embora a motivação possa distinguir-se de alguns / fatores, tais como: a experiência passada da pessoa, suas capacidades físicas e a situação ambiente, ela pode ser influenciada por eles.

2. MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

2.1. Como Processo Natural.

Se eu observasse um grupo de alunos dando início a uma tarefa de aprendizagem específica, notaria uma variação na maneira como cada um iria enfrentá-la, antes mesmo de ser dada qualquer instrução sobre esta tarefa.

Alguns alunos teriam desejo de aprendê-la, considerando-a importante e digna de ser aprendida. Outros iriam / considerá-la como um dever ou uma exigência e outros a enfrentariam com desgosto e medo das condenações feitas pelos professores, pais e colegas.

Essa variação pode ser melhor observada quando se compara um aluno individualmente enfrentando tarefas de aprendizagem de uma disciplina obrigatória e de uma disciplina eletiva. Este contraste pode ser observado com maior nitidez na maneira em que um indivíduo aprende e desempenha atividades fora do sistema escolar, como: dirigir um automóvel, tocar algum instrumento musical, aprender as regras de um jogo ou fazer qualquer outra coisa que ele voluntária e livremente resolveu aprender.

Quando os alunos iniciam uma tarefa de aprendizagem com motivação eles aprendem muito mais rapidamente e num nível mais alto de desempenho do que outros que não estão motivados a aprender.

Para que um aluno aprenda bem uma tarefa de aprendizagem, ele precisa ter algum desejo de aprendê-la e confiança em si mesmo para aplicar toda a energia e recursos necessários para vencer as dificuldades e os obstáculos que possam existir na realização da tarefa.

Assim, a motivação é algo intrínseco, inerente / ao indivíduo e portanto considerada como um processo natural do indivíduo, cabendo ao professor apenas despertar, manter e incentivar a motivação através de mecanismos e técnicas externas ou a motivação é algo extrínseco, cabendo ao / professor assumir o papel de agente principal da motivação .

2 2.2. Fatores que influenciam.

As variações comportamentais da motivação ocorrem em qualquer momento, por uma variedade de fatores internos e externos. Estes fatores podem ser psicológicos, sociológi -

cos, econômicos, políticos, antropológicos ou biológicos.

A título de exemplo, citarei a influência dos fatores sócio-econômicos: " Suponhamos uma sala de primeira série do primeiro grau aparelhada com materiais comuns para a alfabetização e a iniciação em matemática. Coloquemos nessa sala dois grupos de crianças. O primeiro desses grupos seria constituído de filhos de profissionais liberais, que possuem grande quantidade de livros em casa; conversam com seus pais sobre o que acontece no seu cotidiano e no mundo em geral; são bem alimentados; viajam pelo país (ou mesmo para o exterior) ; estão familiarizados com instrumentos de comunicação, de transporte, e demais sofisticacões da moderna tecnologia; dispõem de enorme quantidade de jogos simbólicos / verbais e não-verbais; praticam vários tipos de esporte; falam com desembaraço, argumentam e são constantemente estimulados para enfrentar situações novas.

Imaginemos agora um segundo grupo de crianças, filhos de trabalhadores manuais, que vivem em casas super-habitadas, dispondo, por isso, de quase nenhum espaço vital para si próprio: ficam grande parte do tempo a sós ou com outras crianças, porque o pai e a mãe deixam a casa muito cedo para trabalhar e retornam muito tarde; fazem como podem o serviço doméstico, a própria comida e tomam conta dos irmãos; não viajam, não passeiam, não possuem jogos, brinquedos ou livros, falam pouco e mal porque os adultos têm pouca disponibilidade para conversar com elas, são mal alimentadas, circulam / num universo verbal restrito e vivem num ambiente cultural / totalmente diferente do escolar ". (3)

O primeiro grupo certamente aprenderá mais na escola, pois, " as crianças provenientes das camadas médias e altas se comportam com toda comodidade na escola, já que esta é a continuação de seu lar: fala-se da mesma maneira, os valores e hábitos são os mesmos de sua casa, a professora é alguém do seu meio.

Uma criança da classe popular ou, mais ainda, que vive numa situação de marginalidade (favelas, mudança recente por migração de áreas mais pobres, etc.) sente-se, ao contrário, em casa alheia. Uma casa alheia que lhe exige outros comportamentos, outra linguagem". (4)

As consequências dessa situação para a motivação / e para a aprendizagem das crianças da classe popular ou das crianças que vivem numa situação de marginalidade são as seguintes:

- a) Essas crianças, na medida em que a escola não / se refere à sua realidade, não falam de suas vidas, de seus problemas e sentem-se bloqueadas, pois não podem se expressar de verdade.
- b) Um aluno que se sente rejeitado em sua linguagem, em seus costumes, sente-se a si mesmo como rejeitado, como diminuído, como inferior. A imagem que os outros têm da gente influi de maneira decisiva na formação da imagem que passamos a ter de nós mesmos.
- c) Na estrutura escolar um aluno da classe popular ou marginalizada só adquire motivação quando se propõe a se igualar aos da classe superior.

A tarefa de considerar os interesses e as diferenças individuais dos alunos, pelo professor, faz-se de fundamental importância, para que ele possa recuperar estes alunos e não ficar preso aos resultados animadores de outras / crianças.

Ficou claramente comprovada a hipótese de que as crianças podem superar as deficiências de seu ambiente cultural através de uma educação compensatória bem planejada que apresente um programa de recuperação alimentar, psicopedagógica e do desenvolvimento cognitivo.

No entanto, numa sociedade como a nossa, essa educação compensatória, torna-se para o professor uma Utopia ,

pois a medida que ele necessita da ajuda de outros profissionais (psicólogos, assistentes sociais e outros), ele precisa substituí-los. Desta forma, o importante é analisar cada caso, procurando resolvê-lo dentro da medida do possível. Enquanto isso, o professor deve lutar junto com o povo, para que a escola mude radicalmente sua filosofia, substituindo o princípio de "igualdade de oportunidades para todos" pela busca de "igualdade de resultados para todos os alunos".

(5).

3. ATUAÇÃO DO PROFESSOR COMO INCENTIVADOR

3.1. Formas de Buscar e Manter a Motivação.

O professor deve criar condições prévias e adicionais para garantir a motivação do aluno. Estas condições baseiam-se em incentivos usados por ele no início e durante as fases de processo de aprendizagem.

Na maior parte do ensino dado em grupo nas escolas os incentivos tendem a ser de natureza verbal; isto é, o aluno é orientado pelo professor, ou pelo material por ele utilizado, a fazer certas coisas, a designar certos objetos por determinados termos, recordar-se de certas coisas sob forma de palavras, ou a executar alguns processos complexos cognitivos ou psicomotores.

Algumas vezes os incentivos podem ser apresentados sob forma de estímulos visuais, tácteis, cinestésicos ou olfativos.

Os incentivos não diferem apenas quanto a sua forma, mas também quanto a sua força e significação. Entre os incentivos geralmente usados na escola, há o elogio e a censura, a recompensa e a punição, a competição e a cooperação, o conhecimento ou não dos resultados de um trabalho desempenhado. Embora estes incentivos sejam adotados pela maioria dos professores, vale lembrar que muitos deles produzem efei

tos negativos nas crianças, aumentando ou criando o complexo de inferioridade e admitindo facilmente o fracasso. Por outro lado, os incentivos objetivando realizações têm sido muito usados como base para a aprendizagem na escola. Assim, a motivação do aluno pode ser determinada em parte pela informação que o professor lhe dá sobre a realização de uma tarefa que vise objetivos futuros, propósitos e finalidades / que o oriente na vida adulta. Se o aluno considera que a tarefa leva a tais objetivos, ele estará motivado a realizá-la, porém se a considera como algo conflitante, não estará motivado e criará até uma resistência para realizar a mesma.

A maioria das teorias de aprendizagem (Hilgard & Bower; Dollard & Miller), (6) * concorda que durante e após a realização de uma tarefa para a aprendizagem se faz importante o acompanhamento de reforços.

Os professores, desde há muito tempo reconhecem a necessidade de oferecer recompensa ou reforço à aprendizagem. Todavia, é preciso que eles levem em consideração as contradições que os reforços podem causar. Para isso, os professores precisam analisar o tipo de reforço que usam, a frequência com que usam e a quantidade de reforço que dão a diferentes indivíduos em suas turmas.

Os reforços não precisam ser oferecidos pelo professor. Eles podem ser supridos pelo grupo ou classe social de que o aluno é membro, por seus colegas, pelos pais ou outros adultos.

No entanto, o que pode funcionar como reforço para um aluno, pode não funcionar para outro. É até possível que, sob determinadas condições o que é percebido por um aluno como reforço positivo, seja percebido por outro como / reforço negativo.

Estudos relativos à variedade de reforços e sobre

as condições em que se mostram efetivos (Havighurst, White e McClelland) (7) deixam claro que esta é uma área em que o professor precisa de muito cuidado, especialmente quando tenta propiciar boa qualidade de ensino para alunos de proveniência muito variada, tanto do ponto de vista cultural quanto social.

Este cuidado deve ser tomado no sentido de determinar a adequação e a propriedade não só do reforço, mas também da participação e dos incentivos, a fim de modificá-los ou corrigi-los em função das necessidades de cada estudante em particular.

Idealmente, isto deveria constituir uma parte integrante do processo de ensino-aprendizagem e deveria continuamente ser lembrado em cada nova tarefa ou experiência de aprendizagem. Mas esta situação ideal, dificilmente será plenamente atingida, uma vez que dois fatores se tornam cada vez mais responsáveis pela tarefa de evitar que este ideal se concretize:

- a) As turmas com que o professor trabalha são grandes e heterogêneas em todos os aspectos: psicológicos, sociológicos, econômicos e culturais.
- b) Devido ao salário de "fome", o professor não tem motivação para motivar seus alunos e nem tampouco acompanhá-los individualmente em suas diferenças, em suas dificuldades e em seus fracassos.

4. AS PEDAGOGIAS E A MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

4.1. Conteúdos e Estratégia de Ensino.

Conteúdos e Estratégias de ensino são temas que até hoje dão margem a inúmeras discussões às pessoas ligadas à educação.

Na Pedagogia Tradicional, os alunos sentem-se des

motivados porque os conteúdos (obras literárias, científicas e artísticas) são impostos com autoritarismo através da aula expositiva visando a memorização. Desta forma, o aluno torna-se calado, passivo e desinteressado, aceitando os conteúdos como obrigações escolares, com medo dos castigos e da desaprovação dos pais. Estes alunos nunca protestam e quando o fazem, os adultos, pais e professores argumentam que estes conteúdos estranhos lhes serão úteis mais tarde.

John Dewey (8), precursor da Pedagogia Nova, vem para criticar a Pedagogia Tradicional, passando a idéia de que motivação e aprendizagem ocorrem simultaneamente somente se a criança se fizer senhora da verdade ou do conhecimento em questão. Assim, afirmando que a apresentação externa e a imposição dos conteúdos leva a falta de motivação, conclui: "Não há escolha: ou deixamos a criança entregue à sua própria atividade espontânea, ou lhe temos que ditar a direção por compreensão externa". (8)

Na Pedagogia Tecnicista, os conteúdos são apresentados superficialmente, e através de filmes, slides, cartilhas de ensino programado, espera-se que o aluno, motivado para aprender o "básico" através destes métodos "convenientes" ingresse no mercado de trabalho rapidamente, constituindo mão-de-obra barata.

Na verdade, estas pedagogias, procuram a partir da Pedagogia Nova, enfraquecer os conteúdos para manter o status quo social e evitar que qualquer mudança ocorra.

Em contraposição a estas pedagogias conservadoras, existem as pedagogias progressistas (Pedagogia Libertária, Pedagogia Libertadora e Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos) que, embora contribuam para a transformação social, também são alvos de algumas críticas.

Já que o papel dos conteúdos é dirigir o processo pedagógico, subjugando técnicas e estratégias de ensino não

basta selecioná-los apenas a partir das formas de apreendê-los ou a partir da prática cotidiana da vida do educando. Faz-se necessário, que o professor, levando em consideração o / contexto histórico e social das crianças, procure motivá-las para que ocorra a aprendizagem dos conteúdos, quer elas percebam sua significação e utilidades de imediato ou não.

Assim, considerando a realidade política, a vivência do educando e a transmissão de cultura, o professor deverá motivar os alunos a dominar os conteúdos e a usar a leitura como instrumento para se chegar a autonomia e emancipação. Afinal, um aluno motivado é um aluno que busca, que / critica, que arrisca e que luta para transformar e não para reformar.

NOTAS

- (1) McClelland, D. C. ; Atkinson, J. W. ; Clark, R. A. e Lowel, E. L. - 1953 - citado em : Arrigo Leonardo Angelini. Motivação Humana: o motivo de realização. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973, p. 06 .
- (2) Miller, N. E. e Dollard, J. - 1941 - citado em : Arrigo Leonardo Angelini. Motivação Humana: o motivo de realização. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973, p. 18 .
- (3) G. N. Mello. Ensino de 1ª grau: direção ou espontaneísmo? Cadernos de Pesquisa. São Paulo , 1981,p.36.
- (4) Maria Teresa Nidelcoff. Uma Escola para o Povo. (23a. edição) . Trad. do castelhano por João Silvério Trevisan. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 42 e 43 .
- (5) Benjamin Samuel Bloom. Características Humanas e Aprendizagem Escolar. Trad. do inglês por Maria Angela V. Almeida. Porto Alegre: Globo, 1981, p. 02
- (6) Hilgard & Bower, 1966; Dollard & Miller, 1950; citado em : Benjamin Samuel Bloom. Características Humanas e Aprendizagem Escolar. Trad. do inglês por / Maria Angela V. Almeida. Porto Alegre: Globo, 1981, p. 124 .
- (7) Havighurst, 1970; White, 1959; McClelland, 1965; citado em : Benjamin Samuel Bloom. Características Humanas e Aprendizagem Escolar. Trad. do inglês por Maria Angela V. Almeida. Porto Alegre: Globo, 1981, p. 125 .
- (8) John Dewey. Vida e Educação. (10a. edição) Trad. do inglês por Anísio S. Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1973, p. 60 .

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANGELINI, Arrigo Leonardo.. Motivação Humana: o motivo de realização. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio , 1973, p.3 a 9.
- BLOOM, Benjamin Samuel.. Características Humanas e Aprendizagem Escolar. Trad. do inglês por Maria Angela V. Almeida. Porto Alegre: Globo, 1981, p. 76 a 102, 108 a 111, 122 a 130.
- DANTAS, Jovelina Brazil.. Desnutrição e Aprendizagem. São Paulo: Ática, 1981, p. 8, 9, 34, 48 e 50.
- DEWEY, John.. Vida e Educação. (10a. edição) Trad. do inglês por Anísio S. Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1973, p. 36, 59 a 61 e 80.
- GAGNÉ, Robert M.. Como se realiza a aprendizagem. (3a. edição). Trad. do inglês por Therezinha Maria Ramos / Tovar. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1974, p. 186 a 196.
- HARPER, Babette.. e outros.. Cuidado, Escola! (16a. edição) Trad. do francês por Letícia Cotrim. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 58 a 65.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo.. O que é Pedagogia (4a. edição) São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 23 a 30.
- MURRAY, Edward J.. Motivação e Emoção. (3a. edição) Trad. do inglês por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965, p. 11 a 27.
- NIDELCOFF, Maria Teresa.. Uma Escola para o Povo. (23a. edição). Trad. do castelhano por João Silvério Trevisan. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 42 e 43.
- NOSELLA, Maria de Lourdes C. D.. As Belas Mentiras (8a. edição). São Paulo: Moraes, 1981, p. 201 e 211.
- ROSA, Thereza C. e outros.. Motivação: passo inicial no processo de aprendizagem. Monografia. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1980, 23 páginas.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ANGELINI, Arrigo Leonardo.. Motivação Humana: o motivo de realização. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio , 1973.
- BLOOM, Benjamin Samuel.. Características Humanas e Aprendizagem Escolar. Trad. do inglês por Maria Angela V. Almeida. Porto Alegre: Globo, 1981.
- CUNHA, Nylse Helena Silva.. Sistema de Estimulação Pré - Escolar. (5a. edição). São Paulo: Cortez, 1985.
- DANTAS, Jovelina Brazil.. Desnutrição e Aprendizagem. São Paulo: Ática, 1981.
- DEWEY, John.. Vida e Educação. (10a. edição). Trad. do inglês por Anísio S. Teixeira. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- GAGNÉ, Robert M.. Como se realiza a aprendizagem. (3a. edição). Trad. do inglês por Therezinha Maria Ramos Tovar. Rio de Janeiro: Editora S.A., 1974.
- GOROW, Frank F.. O Jogo da Aprendizagem. Trad. do inglês por Geraldina Porto Witter e José Fernando B. Tomonaco. São Paulo: EPU, 1977.
- HARPER, Babette.. e outros.. Cuidado, Escola! (16a. edição). Trad. do francês por Letícia Cotrim. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo.. O que é Pedagogia (4a. edição). São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MURRAY, Edward J.. Motivação e Emoção. (3a. edição). Trad. do inglês por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- NIDELCOFF, Maria Teresa.. Uma Escola para o Povo. (23a. edição). Trad. do castelhano por João Silvério Trevisan. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- NOSELLA, Maria de Lourdes C. D.. As Belas Mentiras. (8a. edição). São Paulo: Moraes, 1981.

NUTTIN, Joseph.. Estudos de Motivação Humana. Trad. do inglês por José Roberto Maluf e Maria Regina Maluf. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

ROSA, Thereza C. e outros.. Motivação: passo inicial no processo de aprendizagem. Monografia. Campinas: Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1980 , 23 páginas.

VERNON, M. D. . Motivação Humana. Trad. do inglês por Luis Carlos Lucchetti. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

A ESCOLA

A escola: única alternativa.

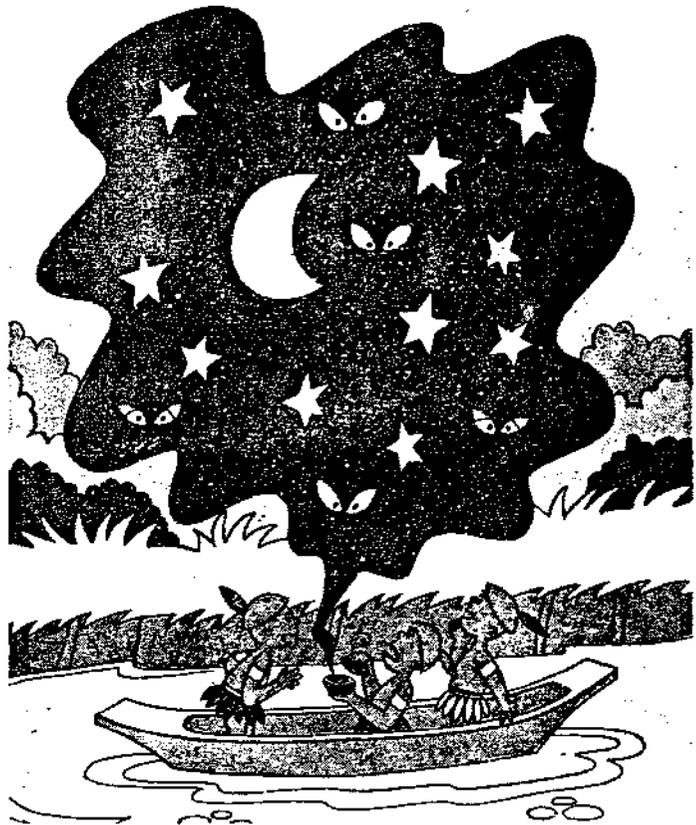
A escola é comparada aqui ao arco-íris, que é, como afirma o texto, um caminho alegre e colorido a ser percorrido, para, no final, encontrar-se um imenso tesouro — o saber — que garantirá a todos (que realizarem a escalada) um futuro brilhante.



FONTE: FERREIRA, Idalina L.: *AJ*, 2ª série, capa.

AS "EXPLICAÇÕES CIENTÍFICAS"

Como surgiu a noite.



FONTE: TAVARES, Oneide S. e GORDO, Nívia: *CN*, 3º livro, p. 41.

Não há reais explicações científicas nos textos de leitura, mas apenas pseudo-explicações, como esta da ilustração que mostra como surgiu a noite. A "causa" foi a curiosidade dos índios, que abriram o caroço de tucumã, onde a noite estava encerrada. Recursos fantasiosos como estes são ideologicamente interessantes, porque impedem que as crianças desenvolvam uma consciência crítica e/ou científica.

Exemplos de figuras e explicações simples e fantasiosas dos livros didáticos "convenientemente" adotados pela Pedagogia Tecnicista, com o objetivo de motivar os alunos para uma aprendizagem rápida e alienante.

ANEXOSLEITURA COMPLEMENTARMOTIVAÇÃO

"Toda criança, toda pessoa, pode se deleitar na aprendizagem. Todo educador pode compartilhar deste encantomento". George Leonard

A aprendizagem, na maior parte das vezes, na educação sistemática, é uma atividade penosa, que reúne a necessidade de paciência e submissão. Com a idéia popular de que "sem sacrifício nada se alcança", procura-se convencer a criança, o jovem e até o adulto, de que a escola é um mal necessário, uma espécie de estágio probatório para uma vida rotineira e desgastante. O sucesso econômico e a estabilidade social são os trunfos acenados como condição para a coragem de percorrer os anos de escolarização. Ninguém revela, porém, que o encontro pessoal do significado da vida é a verdadeira condição da realização humana. Ea aprendizagem, na escola, se dá de forma a ameaçar totalmente esta / descoberta. As pessoas "precisam" estudar para aprender o que os outros selecionaram como sendo útil. Poucas vezes, a criança e o jovem encontram significado naquilo que lhe é / imposto para aprender. Poder-se-ia, então, exigir um engajamento real com esta aprendizagem?

Por outro lado, a grande maioria dos teóricos educacionais reconhece a motivação como fator fundamental para que a aprendizagem ocorra. Os enfoques variam dependendo / da linha psicológica adotada, mas é reconhecido que a pessoa predisosta a aprender o faz com muito maior facilidade e significado.

Observa-se, então, uma profunda dicotomia entre a

constatação teórica e experimental e a prática escolar dos nossos dias .

As causas deste fenômeno merecem ser estudadas . Aliás, é fundamental que isto ocorra, pois poder-se-ia minorar a problemática de repetência, da evasão, da desadaptação infantil, da disciplina (!!!) e tantos outros problemas clássicos da escolaridade brasileira e, quiçá, de outros países.

O desconhecimento do assunto motivação não pode ser alegado. Na literatura especializada em educação, este é um dos aspectos mais enfocados. Não há livro de / psicologia da aprendizagem, não há autor dedicado ao mister que não dedique bons espaços de suas obras para o assunto. É claro que, em se tratando de um tema referente à ciência do homem, sempre haverá o que estudar e experimentar. Mas, inúmeras correntes têm proposto abordagens suficientes para convencer o mais cético a se preocupar com a motivação.

Por que, então, as escolas ignoram a sua função motivadora? Por que se pressupõe, ingenuamente, que o aluno é obrigado a já vir motivado para a escola?

Aliás, há um fenômeno interessante sobre este aspecto: todos os que convivem com a criança em idade pré-escolar observam a avidez que esta criança tem para frequentar a escola. "Brincar de colégio", vestir o uniforme do irmão mais velho, querer pertences escolares é um comportamento comum das crianças nesta faixa de idade. Conclui-se então, que há uma tendência "natural" da criança, positiva à escola. Para ela é um mundo novo, cheio de promessas e oportunidades.

E o que faz a escola então? Mata, sufoca esta motivação inicial, talvez a mais preciosa e irrecuperável em relação a uma perspectiva futura.

Diz Paul Goodman, educador impaciente com o sistema educacional de hoje e preconizador da humanidade do /

ensino:

"É nas escolas e através dos meios de comunicação de massa, e não em casa ou com os amigos, que a grande parte dos cidadãos de todas as classes aprende que a vida tem de ser rotineira, despersonalizada; que é melhor obedecer e calar a boca; que não existe lugar para a espontaneidade, sexualidade aberta, espírito livre".

É claro que este tipo de escola não encontra razão para preocupar-se com a motivação. Indivíduos motivados tendem a ser criativos, inconformados, agentes de mudanças e nem sempre é o modelo desejado, fácil de adaptar-se a qualquer sistema já definido.

Aqui, então, parece estar a situação opcional. E, se é mais fácil permanecer na condição estática, é urgente reagir para salvar a escola, fazendo-a cumprir o seu verdadeiro papel: o de desenvolver a cognição através de um / ser humano que se realiza.

Para isso, não há modelos definidos. É preciso, antes de tudo, da conscientização do desejo de mudar, por / parte dos educadores e administradores dos sistemas educacionais. Depois, então, alimentar as iniciativas com programas simples ou sofisticados, dependendo das circunstâncias de que se dispõe. (CUNHA, M. I. C. e.. Motivação e Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, Associação Brasileira de Tecnologia Educacional, 1979, p.28)

PARA "PINTAR" A MESMA ESCOLA

A sineta tocou. Sentada na primeira carteira / observava a "Tia" que entrava silenciosamente na sala de aula, com seu ar imponente.

Neste momento todos fizeram silêncio.

Após a chamada, a "Tia" declarou:

- Prestem atenção ! Olhem para a lousa ! Estas / continhas ainda não foram ensinadas a vocês. Quero que / vocês tentem resolvê-las em casa e tragam feitas para amanhã.

Desespero total. Muitos coleguinhos não tinham / tempo para pesquisar porque já trabalhavam, outros não tinham pais ou adultos que soubessem ou pudessem auxiliá-los e outros, como eu, permaneceram tranqüilos.

Cheguei em casa, que alegria! Mamãe, papai e minha irmã estavam almoçando juntos à minha espera.

Aproveitando a breve reunião cotidiana, tirei / meu caderno de matemática da mochila e mais que depressa / exibí as difíceis e estranhas continhas de multiplicação / por dois algarismos. Que Bom! Sem paciência para me explicar, mamãe acabou fazendo todas para mim e minha irmã foi fazendo a correção.

No dia seguinte, ao entrar na sala de aula, encontrei alguns coleguinhos estáticos, ansiosos, aflitos e com cara de quem não pode mais nem ouvir em escola, professora e continhas.

Fiquei preocupada e triste, por eles, pois sabia que a "Tia" ia dar a maior bronca por eles não terem feito a lição de casa. Por outro lado, a "Tia" havia me falado um dia, que lição de casa nunca se empresta para ninguém / copiar.

Aconteceu o esperado. A "Tia" ralhou, passou lições de moral, disse que quem não se esforçasse e estudas-

se mais ia ser lixeiro e por fim aplicou a pena maior, distribuiu os famosos "pontos negativos".

Aos que fizeram a lição, glórias, elogios, incentivos. E para mim que havia "feito" e acertado todas as / continhas, um prêmio anunciado em voz alta e diante de todos os coleguinhas:

- Uma caixinha de lápis de cor...

Sheila Daniela Medeiros ✓